

SEÇÃO

1

PESQUISA APLICADA

AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES COMUNICATIVAS E DE LINGUAGEM DE ALUNOS SURDOS COM IMPLANTE COCLEAR

Ana Claudia Tenor¹

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, São Paulo. SME- NAPE

¹ E-mail: anatenor@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste estudo foi avaliar as habilidades comunicativas e de linguagem do aluno surdo, usuário de implante coclear, incluído no ensino regular. O Protocolo de Avaliação das Habilidades Comunicativas e de Linguagem de Crianças Surdas Reduzido (PIFFCs- reduzido) foi aplicado em cinco alunos surdos na faixa etária de sete a doze anos. Observou-se que os alunos não apresentavam o domínio da língua oral e estavam em fase inicial de desenvolvimento da Língua de Sinais. Os resultados sugeriram que o ensino da Língua de Sinais possibilitaria maior acesso à comunicação aos alunos surdos, sendo importante implementar um projeto educacional bilíngue direcionado a esses alunos.

Palavras-chave: Avaliação. Comunicação. Aluno. Surdo.

ABSTRACT

The purpose of this study is to evaluate the communicative and language skills of deaf students who have cochlear implants and attend the regular education. The Assessment Protocol for Reduced Speech and Language Skills of Deaf Children (reduced PIFFCs) has been applied to five deaf students, aged 7 to 12. It has been observed that the students didn't master the oral language and that they were at the initial phase of the development in Sign Language. The results suggested that teaching Sign Language would allow greater access to communication, thus being important to implement bilingual educational projects directed to these students.

Keywords: Assessment. Communication. Student. Deaf.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem, a expectativa da família e a escolarização de crianças surdas são temas debatidos por pesquisadores da área da surdez. Com o advento da tecnologia assistiva, como o implante coclear, percebe-se um avanço constante nas discussões. Os implantes cocleares são dispositivos de alta tecnologia que possibilitam a sensação da audição à criança surda com a qualidade necessária para a percepção dos sons da fala. No entanto, essa tecnologia não assegura o desenvolvimento das habilidades auditivas e de linguagem oral, dado que essas dependem de inúmeros fatores, tais como: a capacidade de memória auditiva, adequada estimulação no ambiente familiar, intervenção fonoaudiológica precoce, entre outros (BEVILACQUA; FORMIGONI, 2005; MORET *et. al.* 2006; RESEGUI- COPPI, 2008; YAMANAKA *et. al.* 2010; VALADAO *et. al.*, 2012; COSTA; KELMAN; GÓES, 2015).

A aquisição tardia da linguagem em crianças surdas, filhos de pais ouvintes, é um tema que preocupa os profissionais e pesquisadores, uma vez que a falta de uma língua constituída interfere nas relações dialógicas e interacionais, bem como no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dessas crianças.

Estudos constataram que a maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes e que desconhecem a surdez e suas consequências para o desenvolvimento da linguagem. Os pais tendem a se posicionar contra o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e optar, desde cedo, pelo ensino da língua oral. Nesse contexto, a aquisição tardia de uma língua ocorre com frequência, o que se deve à insistência no aprendizado da fala durante anos, o que ocorre sem qualquer êxito. É comum, portanto, a demora em receber o diagnóstico, bem como a falta de acesso a uma instituição que oriente os pais em relação à intervenção terapêutica ou ao contato com outros surdos, o que possibilitaria o aprendizado da Língua de Sinais (MOURA; LODI; HARISSON, 2005; NEGRELLI; MARCON, 2006; NADER; NOVAES- PINTO, 2011; QUADROS, 2011; SANTANA; GUARINELLO; BERGAMO, 2013, TENOR; DELIBERATO, 2016).

Capovilla e Capovilla (2002) destacam que a falta de uma língua gera graves consequências para o desenvolvimento social, emocional e intelectual do ser humano. Os autores apontam ainda que o valor fundamental da linguagem está na comunicação social, na qual as pessoas fazem-se entender umas as outras, compartilham experiências emocionais e intelectuais e planejam a condução de suas vidas e de sua comunidade. A linguagem permite, portanto, que a criança obtenha explicação sobre o funcionamento das coisas do mundo e sobre as razões do comportamento das pessoas.

É notório que para a criança surda interagir são necessárias ferramentas que lhe permitam interpretar o mundo, além da circulação em diferentes contextos socioculturais compreensíveis a ela. Sendo assim, o aprendizado de uma língua deve ocorrer em contextos significativos por meio de interações naturais e experiências com outros falantes da mesma língua. A ausência de uma comunicação eficaz entre os indivíduos impede que se realizem, satisfatoriamente, as funções básicas da linguagem, fator de interação social, transmissão cultural, constitutivo do conhecimento e do próprio ser humano (RABELO, 2006; KELMAN, 2010). Percebe-se, então, que é necessário garantir às crianças com surdez a aquisição de um sistema de representação que lhes possibilite a apropriação da linguagem, ou seja, a aquisição de uma língua (TENOR; DELIBERATO, 2015).

Face às questões pontuadas nas pesquisas com crianças surdas usuárias de implante coclear, os pesquisadores consideraram a necessidade de expor essas crianças à Língua de Sinais, além da reabilitação auditiva e da oral. Ressal-

ta-se, ainda, que a educação bilíngue poderia beneficiar a criança com surdez e que o ensino da Língua de Sinais não interfere de forma negativa no desenvolvimento auditivo e linguístico do aluno surdo (GALE, 2011; HYDE; PUNCH, 2011; QUADROS; CRUZ; PIZZIO, 2012; SVARTHOLM, 2014; COSTA; KELMAN; GÓES, 2015; NASCIMENTO; LIMA, 2015).

De fato, a falta de suporte linguístico, seja oral ou por sinais, acarreta dificuldades para a aquisição da escrita. Nesse sentido, apenas o implante coclear e a exposição à linguagem oral não garantem a aquisição da escrita, pois a linguagem oral não depende apenas da audição, mas também das interações sociais estabelecidas com seus pares (BELLOTTI, 2014).

A inserção de alunos surdos em salas regulares de ensino tem gerado conflitos e angústias aos profissionais envolvidos nesse processo. O que ocorre porque os professores que atuam com surdos no contexto educacional inclusivo enfrentam dificuldades de comunicação (STREIENCHEN et. al., 2017).

No que tange à avaliação de crianças surdas, o processo de aquisição da linguagem deve ser observado e avaliado. Assim, sendo constatado atraso ou alteração no processo de aquisição da linguagem, faz-se necessário investigar a(s) causa (s) para estabelecer um adequado programa de intervenção com profissionais especialistas em linguagem, pais, familiares e/ou professores oportunizando à criança adequar seu desenvolvimento linguístico em melhores condições possíveis de acesso à Língua de Sinais (QUADROS, 2011). Segundo Deliberato (2015), na escola há alunos com deficiências que necessitam ser observados, avaliados e vistos de forma peculiar às suas especificidades para que o professor possa ensiná-los de forma significativa.

Como se percebe, o professor precisa ser esclarecido sobre as habilidades e especificidades linguísticas do aluno com surdez, o que é necessário para que se considerem as suas condições para o aprendizado e, desse modo, seja possível adequar os instrumentos e procedimentos de avaliação (TENOR, 2014).

O uso de um instrumento de avaliação adaptado para crianças surdas, que possibilite a identificação das suas habilidades comunicativas, poderia auxiliar os profissionais que atuam com essa população na compreensão das reais necessidades e habilidades de linguagem dessas crianças. Cabe destacar que as habilidades comunicativas não linguísticas das crianças surdas também devem ser valorizadas e, a partir da conscientização dos profissionais e dos pais sobre as possibilidades comunicativas, o profissional especializado poderá focar apropriadamente a oportunidade de a criança utilizar as habilidades comunicativas de forma linguística mais complexa (LICHTIG; COUTO; LEME, 2008; BARBOSA; LICHTIG, 2014; TENOR; DELIBERATO, 2015).

Frente às considerações apresentadas, o objetivo deste estudo foi avaliar as habilidades comunicativas e de linguagem do aluno surdo com implante coclear por meio da aplicação do Protocolo de Avaliação das Habilidades Comunicativas e de Linguagem de Crianças Surdas Reduzido (Protocolo do PIFFCS- reduzido).

METODOLOGIA

Atuo na Secretaria Municipal de Educação de um município do interior paulista, em um núcleo que oferece suporte para a inclusão de alunos com deficiência e aos professores. Nesse contexto, as escolas encaminham os alunos surdos com implante coclear para avaliação de linguagem, acompanhamento do desenvolvimento e orientações do professor. O estudo foi desenvolvido nesse núcleo de atendimento a alunos com deficiências no ano de 2014.

Participaram do estudo cinco alunos surdos com implante coclear, na faixa etária de sete a doze anos, que apresentavam tempo de uso do implante coclear variado, conforme é descrito no Quadro 1.

QUADRO 1. Caracterização dos alunos surdos com implante coclear

Aluno	Idade	Gênero	Idade da Cirurgia IC	Tempo de uso IC
A1	7 a 4m	M	1 a 11m	5 a 5m
A2	8 a 2m	F	4 a 11m	3 a 3m
A3	9a	M	3 a 1m	5 a 11m
A4	10 a 9m	M	6 a 3m	4 a 6m
A5	12 a 5m	F	7 a 11m	4 a 6m

Fonte: Elaborado pela autora.

Foi aplicado nesses alunos o Protocolo de Avaliação das Habilidades Comunicativas e de Linguagem de Crianças Surdas Reduzido (Protocolo do PIFFCS- reduzido), adaptado por Barbosa e Lichtig (2014). O PIFFCS reduzido é o desdobramento do protocolo “Avaliação das Habilidades Comunicativas e de Linguagem de Crianças Surdas” elaborado por Lichtig, Couto e Mecca (2004) dividido em três partes.

Na primeira parte do protocolo é avaliada a interação entre examinador e criança. Na segunda, identificam-se as modalidades de comunicação usadas pela criança surda por meio de estímulos visuais específicos, como uma história em sequência com cinco figuras e nomeação de trinta figuras contemplando campos semânticos diferentes, retiradas do Teste de Vocabulário do ABFW (BEFI- LOPES, 2000). Já na terceira parte do protocolo, é avaliada a complexidade linguística, segundo as fases de desenvolvimento de linguagem descritas por Quadros (1997): período pré- linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações e estágio das múltiplas combinações.

Segundo Quadros (1997), esses estágios foram baseados em estudos desenvolvidos com crianças surdas, mas devido ao seu caráter genérico, esses podem ser aplicados ao desenvolvimento da língua oral. O período pré - linguístico inicia-se no nascimento e decorre até a aquisição do primeiro sinal, já estágio de um sinal inicia-se na criança surda por volta de 12 meses e pode se estender até os dois anos. Nessa fase, a criança refere-se aos objetos apontando, segurando, olhando e tocando-os. Ela utiliza uma linguagem não verbal para chamar a atenção para as suas necessidades pessoais e para expressar suas reações. A criança imita sinais produzidos pelos outros e, apesar de apresentar configurações de mão e movimentos imperfeitos, pode chegar a usar alguns sinais com significado consciente.

O estágio das primeiras combinações ocorre por volta dos dois anos nas crianças surdas. De um modo geral, a criança produz palavras isoladas ou sinais para falar sobre coisas e ações ao redor dela; e no estágio das múltiplas combinações, que ocorre por volta dos dois anos e meio e três, as crianças começam a produzir muitas palavras e apresentam a “explosão do vocabulário”. Já por volta dos cinco anos e seis meses até os seis anos e seis meses, a criança conta histórias a respeito de fatos acontecidos no passado ou que podem acontecer.

Para a análise dessas três partes que compõem o protocolo, os autores sugeriram a observação ou o registro (em vídeo) de dois momentos: momento de interação entre o examinador e a criança e apresentação de estímulos visuais específicos (figuras e história em sequência). Seguindo as recomendações dos autores, as situações de avaliações foram filmadas para posterior análise dos dados no decorrer do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que é necessário pensar a respeito da metodologia utilizada para a educação de alunos surdos implantados, uma vez que esses alunos apresentam habilidades e especificidades linguísticas variadas. Sendo assim, o uso de um instrumento de avaliação, que possibilite ao professor identificar as habilidades de comunicação e de linguagem do aluno com surdez, poderá auxiliá-lo na elaboração de recursos e estratégias de ensino que contemplem as necessidades linguísticas desse aluno e, desse modo, inseri-lo no contexto acadêmico (TENOR; DELIBERATO, 2015).

O Protocolo de Avaliação das Habilidades Comunicativas e de Linguagem da Criança Surda Reduzido (Protocolo do PIFFCS- reduzido) elaborado por Barbosa e Lichtig (2014), apresenta três categorias para classificar as modalidades de comunicação usada pela criança: modalidade visuoespacial (MVE), modalidade oral auditiva (MOA) e bimodalidade (BM).

A modalidade visuoespacial refere-se ao uso da Língua de Sinais e gestos. A modalidade oral auditiva diz respeito ao uso de língua oral e vocalização, já a bimodalidade é a ocorrência de mais de uma modalidade em um mesmo evento (modalidade associada), tais como, o uso da Língua de Sinais, gestos, língua oral e vocalização.

O quadro 2 mostra a análise das habilidades comunicativas e de linguagem dos alunos surdos.

QUADRO 2. Habilidades Comunicativas e de Linguagem de Alunos Surdos com Implante Coclear

Aspectos Avaliados	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5
Intenções Comunicativas	MOA	MVE	MVE	MVE	MVE
Respostas para a comunicação	MOA	MVE	MVE	MVE	MVE
Interação e Conversação	MOA	MVE	MVE	MVE	MVE
Ocorrência de Código Estruturado	MOA	MVE	MVE	MVE	MVE
Comunicação história em sequência	BM	MVE	MVE	MVE	MVE
Nomeação	MVE	MVE	BM	MVE	MVE
Complexidade Linguística	Pré Linguístico LO 1 ^{as} palavras LS	Pré Linguístico LO 1 ^{as} palavras LS	Pré Linguístico LO 1 ^{as} combinações LS	Pré Linguístico LO 1 ^{as} palavras LS	1 ^{as} palavras LS

Fonte: Elaborado pela autora.

Durante a avaliação do perfil pragmático (intenções comunicativas, respostas para a comunicação, interação e conversação) o aluno 1 apresentou o predomínio do uso da modalidade de comunicação oral auditiva, enquanto que os alunos 2, 3, 4 e 5 apresentaram o predomínio da modalidade visuoespacial. Apesar de o aluno 1 fazer uso da modalidade oral auditiva durante a avaliação do perfil pragmático, essa modalidade ocorreu de forma predominante por meio do uso de vocalizações e vocábulos isolados, evidenciando que o aluno apresentava atraso no desenvolvimento da língua oral.

Lichtig, Couto e Leme (2008) consideraram que a avaliação do perfil pragmático, por meio da observação das habilidades comunicativas, é um aspecto importante a ser considerado na avaliação de linguagem de crianças surdas. Por meio dessa, é possível avaliar a competência comunicativa de crianças com atraso ou alteração no desenvolvimento da língua oral devido à perda auditiva. Segundo as autoras, na avaliação baseada nessa perspectiva, o comportamento comunicativo é categorizado, independentemente da maneira como é expresso, se pela forma verbal ou não verbal.

Em situações de avaliação da comunicação por meio de história em sequência, os alunos 1 e 3 fizeram uso da bimodalidade e os alunos 2, 4 e 5 usaram a modalidade visuoespacial. Para a nomeação das trinta figuras apresentadas, todos os alunos fizeram uso da modalidade visuoespacial.

As crianças avaliadas nesse estudo, apesar de usarem o implante coclear, apresentaram código estruturado (língua) em situações que fizeram uso da modalidade visuoespacial (Língua de Sinais), o que parece indicar que o acesso a essa língua é mais fácil ao grupo estudado e a implementação de um projeto educacional bilíngue poderia beneficiar o desenvolvimento linguístico e acadêmico desses alunos.

Barbosa e Lichtig (2014) consideraram que mesmo com o desenvolvimento de recursos tecnológicos para reabilitação auditiva, que pretende normalizar a atividade linguística de uma criança que nasce surda, a Língua de Sinais tem se mostrado mais relevante no desenvolvimento das habilidades de linguagem de crianças surdas.

Nesse sentido, os pesquisadores acreditam que o implante coclear e a Língua de Sinais não se excluem mutuamente, mas ao contrário, o implante torna-se mais uma opção para que o surdo seja bilíngue e possa utilizar a língua portuguesa e a de sinais, conforme sua necessidade. Na opinião desses estudiosos, o bilinguismo em crianças com implante coclear deve ser estimulado, pois um surdo que fale e sinalize pode transitar em mais espaços e contextos socioculturais do que aquele que é usuário exclusivo de Língua de Sinais (KELMAN, 2010; COSTA; KELMAN; GÓES, 2015).

Constatou-se que os alunos 1, 2 e 4 encontravam-se no período pré-linguístico do desenvolvimento da língua oral e no estágio das primeiras palavras em Língua de Sinais. O aluno 3, por sua vez, encontrava-se no estágio pré-linguístico da língua oral e no estágio das primeiras combinações em Língua de Sinais. O aluno 5 estava no estágio das primeiras palavras em Língua de Sinais. A identificação do perfil linguístico dos alunos em estudo foi possível por meio do uso de um instrumento de avaliação de linguagem adaptado para crianças surdas, que poderá auxiliar tanto no planejamento terapêutico como no educacional relacionados a esse público.

Streiechen *et. al.* (2017), ao discutirem a respeito da inserção de alunos surdos em salas regulares de ensino, apontaram os conflitos e angústias dos profissionais envolvidos nesse processo. Em parte isso ocorre porque os professores que trabalham com alunos surdos, em situação de inclusão, enfrentam muitas dificuldades de comunicação. A maioria dos educadores argumenta não ter formação ou preparo para trabalhar com esses alunos. Sendo assim, a escolarização desses sujeitos pode exigir apropriações em níveis linguísticos completamente distintos da cultura ouvinte.

É, portanto, necessário esclarecer os professores a respeito das necessidades e especificidades linguísticas do aluno com surdez para que considere as suas condições para o aprendizado e, assim, esses consigam adequar os instrumentos e procedimentos de avaliação (TENOR, 2014).

A literatura destacou que por meio do uso de um instrumento que permite a visualização das habilidades linguísticas, baseadas na aquisição da Língua de Sinais, o profissional que lida com a criança surda tem mais ferramenta para compreender as necessidades e habilidades reais da criança no que diz respeito à linguagem. Compreendendo esse perfil, os achados desta pesquisa podem ser usados para o benefício da criança no desenvolvimento terapêutico ou na prática educativa, potencializando suas habilidades no uso da língua, impedindo que restrições no acesso à informação ocorram e provendo base para seu desenvolvimento humano pleno (BARBOSA; LICHTIG, 2014). Também Tenor e Deliberato (2015) acrescentaram que o conhecimento do professor a respeito da surdez e das habilidades comunicativas do aluno surdo poderia facilitar na implementação de recursos e estratégias para o ensino desse aluno.

No entanto, para que a escola atenda às necessidades educacionais especiais comunicativas do aluno surdo implantado, é fundamental o diálogo entre os professores que atuam em classes inclusivas com pesquisadores educacionais e na área da saúde auditiva; também com gestores educacionais em âmbito do Governo Federal, Estadual e Municipal, já que é visível a urgência de programas de formação continuada que abordem o tema educação de alunos com implante coclear (COSTA; KELMAN; GÓES, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de alunos surdos traz desafios, com resultados nem sempre satisfatórios do ponto de vista acadêmico. Tratando-se de alunos surdos com implante coclear a situação torna-se ainda mais complexa, pois o acesso a essa tecnologia não garante a todas as crianças surdas a possibilidade de desenvolver a linguagem oral. Sendo assim, a avaliação e identificação das habilidades de comunicação e de linguagem da criança surda poderiam auxiliar o professor a pensar na metodologia de ensino a ser adotada de forma a contemplar as necessidades dessa criança.

A avaliação de linguagem de alunos surdos por meio de um instrumento de avaliação adaptado mostrou que esses alunos tinham habilidades e especificidades linguísticas variadas. Evidenciou-se que apesar de fazerem uso do implante coclear, esses alunos não apresentavam o domínio da língua oral e encontravam-se na fase inicial de desenvolvimento da Língua de Sinais.

A falta de domínio de uma língua pode acarretar dificuldades nas relações dialógicas, interacionais e no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, faz-se necessário discutir a situação de alunos surdos com implante coclear que não desenvolveram a linguagem oral e pensar na oferta de uma educação bilíngue a essa população. O objetivo deve ser garantir o uso competente de uma língua que possibilite o desenvolvimento de linguagem e da aprendizagem dessas crianças.

A análise do perfil linguístico do grupo avaliado sugeriu que a inserção da Língua de Sinais no contexto educacional inclusivo possibilitaria maior acesso à comunicação entre surdos e ouvintes e ao ensino do português como segunda língua. Sendo assim, é importante dialogar junto aos gestores e professores desses alunos a respeito da necessidade de implementação de um projeto educacional bilíngue direcionado a esses alunos envolvendo também as famílias.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, F.V.; LICHTIG, I. Protocolo do perfil das habilidades de comunicação de crianças surdas. **Revista Estudo de Linguagem**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 95-118, 2014.

BEFI- LOPES, D. Avaliação de vocabulário. In: ANDRADE, C. R. F.; BEFI- LOPES, D. M.; FERNANDES, F. D. M.; WETTZNER, H. F. **ABFW- Teste de linguagem infantil nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. Barueri: Pró- Fono, 2000, p. 33-49.

BELLOTTI, A.C. **Implante Coclear: um estudo da escrita na escola**. Araraquara, 2014. 123 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.

BEVILACQUA, M. C.; FORMIGONI, G. M. P. O desenvolvimento das habilidades auditivas. In: MORET, A. L. M. (Org.). **Deficiência auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde**. São José dos Campos: Pulso, 2005, p. 179-201.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. **Revista Brasileira de Educação especial**, Marília, v. 8, n. 2, p. 127- 156.

COSTA, J. P.; KELMAN, C. A.; GÓES, A. R. S. Inclusão de alunos com implante coclear: a visão de professores. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 52, p. 325-338, 2015.

DELIBERATO, D. Questões a respeito da comunicação do aluno com deficiência sem oralidade. In: DELIBERATO, D.; MANIZINI, E. J. (Org.). **Instrumentos para avaliação de alunos com deficiência sem oralidade**. São Carlos: Marquesini & Manzini: ABPEE, 2015, p. 11- 22.

GALE, E. Exploring perspectives on cochlear implants and language acquisition within the deaf community. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 16, n. 1, Winter, p. 121-139, 2011.

HYDE, M.; PUNCH, R. The modes of communication used by children with cochlear implants and role of sign in their lives. **American Annal soft he Deaf**, v. 15, n. 5, Winter, p. 535- 549, 2011.

KELMAN, A. C. **Dilemas sobre o implante coclear: implicações linguísticas e pedagógicas**. INES, Rio de Janeiro, n. 33, p. 33-49, 2010.

LICHTIG, I.; COUTO, M. I. V.; MECCA, F. F. D. N. Avaliando as habilidades comunicativas e linguísticas de crianças surdas. In: LICHTIG, I. (Org.). **Programa de intervenção fonoaudiológica em famílias de crianças surdas (PIFFC)**. Carapicuíba: Pró- Fono, 2004. p. 39-78.

LICHTIG, I.; COUTO, M. I. V.; LEME, V. N. Perfil pragmático de crianças surdas em diferentes fases linguísticas. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 3, p. 251- 257, 2008.

MORET, A. L. M. *et. al.* Orientação e aconselhamento familiar na terapia fonoaudiológica de crianças com necessidades especiais. In: GENARO, K. F.; LAMÔNICA, D. A. C.; BEVILACQUA, M. C. (Org.). **O processo de comunicação: contribuição para a formação de professores na inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais**. São José dos Campos: Pulso, 2006, p. 277- 287.

MOURA, M. C.; LODI, A.C.; HARRISON, K. M. P. História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHO, O. C. (Org.). **Tratado de Fonoaudiologia**. 2. ed. São Paulo: Tecmed, v. 1, 2005, p. 341- 364.

NADER, J.M.V.; NOVAES-PINTO, R. C. Aquisição tardia de linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 929- 943, 2011.

NASCIMENTO, L. C. R.; LIMA, C. C. S. Libras e implante coclear: contradição ou complementariedade? **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 142-172, 2015.

NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S.S. Família e criança surda. **Revista Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, 2006.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. (ORGs.). **Língua de sinais**: instrumentos de avaliação. (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R.; PIZZIO, A. L. Memória fonológica em crianças bilíngues bimodais e crianças com implante coclear. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 185- 212, 2012.

RABELO, A. S. Libras: aspectos linguísticos e uso na terapia fonoaudiológica bilíngue. **Estudos**, Goiânia, v. 33, n. 5/6, p. 369-384, maio/jun., 2006.

RESSEGUI- COPPI, M. **Desenvolvendo as habilidades auditivas em crianças usuárias de implante coclear: estratégias terapêuticas**. 2008. 183 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Faculdade de Odontologia de Bauru, Universidade de São Paulo, Bauru, 2008.

SANTANA, A.P.; GUARINELLO, A.C.; BERGAMO, A. A clínica fonoaudiológica e a aquisição do português como segunda língua para surdos. **Revista Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 440- 451, 2013.

SVARTHOLM, K. 35 anos de Educação Bilíngue de Surdos- e então? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Educação Especial, n. 2, p.35-50, 2014.

STREIECHEN, E.M. *et al.* Pedagogia surda e bilinguismo: pontos e contrapontos na perspectiva de uma educação inclusiva. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 39, n. 1, p. 91-101, Jan.- Mar., 2017.

TENOR, A.C. **Mediação do fonoaudiólogo no processo de capacitação do professor do aluno surdo**. 2014. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

TENOR, A.C.; DELIBERATO, D. Comunicação da criança surda na perspectiva da família e professores. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 3, n. 2, p. 79-94, 2016.

_____. Protocolo para avaliação das habilidades comunicativas do aluno surdo no ambiente escolar: adaptação. In: DELIBERATO, D.; MANIZINI, E. J. (Org.). **Instrumentos para avaliação de alunos com deficiência sem oralidade**. São Carlos: Marquezini & Manzini: ABPEE, 2015, p. 99-112.

VALADAO, M.N. *et.*

al. Língua brasileira de sinais e implante coclear: relato de um caso. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 89- 100, 2012.

YAMANAKA, D. A. R. *e.t al.* Implante coclear em crianças: a visão dos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 3, p. 465-473, 2010.